

‘Cultura Quadrilheira’: a pesquisa, o filme e a restituição

Nilson Almino de Freitas^a
Thiago Silva de Castro^b

Resumo: O artigo discute um caso específico de restituição de atividade de pesquisa que culmina na produção do filme ‘Cultura quadrilheira’ que teve exibição exclusiva para os personagens do filme, após sua finalização. O filme foi produzido em 2012, resultado de pesquisa que gerou bolsa de iniciação científica e Trabalho de Conclusão de Curso de um dos articulistas, que também faz parte do grupo estudado. A exibição aos ‘quadrilheiros’ foi feita logo após a finalização da obra e filmada pela equipe. Anos depois da produção do filme e de sua exibição, os pesquisadores discutem as implicações desta atividade na dinâmica do grupo de quadrilha junina Estrela do Luar, que envolve moradores do bairro Dom Expedito, na cidade de Sobral, no estado brasileiro do Ceará. A discussão envolve a forma compartilhada de produção audiovisual e como os ‘quadrilheiros’ recebem e usam o filme até os tempos atuais, apontando limites e possibilidades da restituição.

Palavras-chave: Restituição, Cultura quadrilheira, Audiovisual compartilhado, Etnografia filmica.

O propósito do artigo é discutir as implicações das formas de restituição na exibição de documentário, onde os personagens auxiliam na produção e são o público que o assiste. O episódio que vai ser descrito mais à frente e sustenta a discussão a ser feita aqui, aconteceu como

a Bolsista de Produtividade PQ2. Professor de Antropologia (UVA). Email: thiagonoda@hotmail.com. Orcid: 0000-0003-0652-8589.

b Professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutor em Sociologia (UFC). Email: nilsonalmino@hotmail.com. Orcid: 0000-0003-0324-3131.

repercussão de filme produzido em Sobral, cidade do estado brasileiro do Ceará, por projeto vinculado ao Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, que é o documentário 'Cultura Quadrilheira', dirigido por Thiago de Castro em 2012. Convidamos os 'personagens' do filme para se assistirem, filmamos suas reações e gravamos depoimentos. O amadurecimento teórico e o momento histórico da disciplina de antropologia visual em que o tema da restituição está cada vez mais em pauta¹, nos fez recordar da experiência em que o filme foi exibido para os personagens que aparecem na obra. O registro foi incluído como material extra no DVD do filme, lançado no IV Visualidades, no ano de sua produção. Ao assistirmos este acontecimento, após um debate entre os articulistas em evento promovido pelo LABOME no Instagram, com o título 'Primeiras Experiências com Audiovisual' em 2020², pensou-se em recordar deste momento e aproveitá-lo para uma reflexão sobre o tema da restituição.

O documentário Cultura Quadrilheira foi gestado com apoio do Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, como parte das atividades desenvolvidas por Thiago de Castro quando foi bolsista de iniciação científica do referido laboratório³. O filme se propõe a ser um registro em linguagem audiovisual de sua pesquisa de conclusão do curso de Ciências Sociais na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, que tratava da manifestação das quadrilhas juninas da cidade de Sobral/CE.

A história desse documentário se dá no entrelaçamento entre diferentes interesses de investigação. Thiago de Castro, ao passar a integrar a equipe de pesquisadores do LABOME, começou a desenvolver trabalho de campo ligado a um projeto de pesquisa em que estava vinculado⁴. Tal projeto, que era uma das principais atividades desenvolvidas pelo laboratório, consistia em promover pesquisa sobre o patrimônio cultural em Sobral, cidade do estado brasileiro do Ceará tombada como Patrimônio Histórico Nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 2000. A proposta

era partir de concepção mais aberta do que seria significativo para a cidade, indo além da análise do sítio histórico e desconfiando da construção de identidade cultural homogênea que a política de preservação tende a construir e disseminar. Para isso, a proposta do professor coordenador do projeto, também autor deste artigo, era explorar o que está fora do sítio histórico e, a partir dos desejos, vontades e falas de moradores da periferia da cidade, ampliar e tornar plural o processo de identificação coletiva da ‘sobralidade’⁵.

Visando atender estes objetivos de ampliação e tornar o conceito de patrimônio cultural mais plural, a metodologia da pesquisa consistiu em responsabilizar cada bolsista por um bairro periférico, fazendo levantamento de fontes orais e visuais para compor acervo documental nos suportes do áudio, da fotografia e do vídeo, buscando construir registros sobre o cotidiano desses territórios, privilegiando as narrativas produzidas por seus moradores. A experiência etnográfica e os diferentes usos e modos de produção de significados atribuídos a esses territórios por seus habitantes passou a ser o foco central da pesquisa.

Coube a Thiago de Castro realizar esse trabalho no bairro Dom Expedito, situado na margem direita do Rio Acaraú, cujas águas dividem a cidade em duas partes. A indicação de que trabalhasse nesse território não foi por acaso, já que era o bairro onde morava, o que certamente contribuiria para a construção de um registro desenvolvido a partir da própria experiência de um morador do território analisado. No LABOME promove-se a liberdade de delimitação do tema mais amplo relacionado ao patrimônio cultural, o que viria a dar origem ao trabalho de conclusão de curso do aluno, cujo *lôcus* principal de análise também se encontrava no bairro Dom Expedito, mais especificamente no grupo de quadrilha junina do bairro, a quadrilha Estrela do Luar⁶.

Participante ativo dessa manifestação cultural, ele era aquilo que seus integrantes chamam de ‘quadrilheiro’, modo como as pessoas que participam dessa expressão artística se nomeiam. Dentre as atividades que havia desenvolvido no meio junino, o aluno já tinha sido

dançarino, figurinista e, naquela época, atuava como cantor, além de ajudar a coordenar a quadrilha junina Estrela do Luar, ocupando o cargo de vice-presidente do grupo. A relação com essa quadrilha, além das características citadas, também era familiar, já que a presidente era sua irmã, sendo também seu outro irmão integrante do grupo junino em questão. Mas, talvez um dos principais aspectos que estreitaram essa relação foi o fato de que a sede da quadrilha funcionava na residência de sua família, o que lhe colocava em uma posição de grande envolvimento com o tema e campos investigados.

A aproximação entre a pesquisa desenvolvida sobre o cotidiano do bairro Dom Expedito e a pesquisa do então aluno sobre a quadrilha junina foi inevitável, já que, de certo modo, elas se entrelaçaram. Quando o aluno passou a ser bolsista do LABOME, o laboratório estava em um momento de fortalecimento de seu interesse pela linguagem audiovisual. Nesse contexto, o trabalho de pesquisa desenvolvido pelos bolsistas estava começando a incorporar tal linguagem na produção de registros etnográficos sobre os bairros. O primeiro vídeo que Thiago de Castro produziu a respeito do bairro – 'Dom Expedito: cultura, arte e expressão'⁷ – se debruçou sobre as manifestações culturais locais, na sua expressão artística, tendo como base a narrativa de representantes dessas expressões, oportunidade em que entrevistou sua irmã, presidente da quadrilha junina Estrela do Luar. O filme 'Cultura Quadrilheira' veio cerca de um ano depois, quando em função da participação do aluno no Curso de Produção de Documentários, oferecido pelo programa de extensão Visualidades, compôs a equipe de produção com outras duas cursistas. Durante a formação produziram o registro audiovisual do cotidiano da quadrilha, demonstrando os processos envolvidos na produção dos trabalhos do grupo junino⁸. Depois de debates e leituras, decidiu-se pela produção de um documentário que buscasse captar as experiências dos quadrilheiros a partir de suas próprias narrativas e percepções sobre o contexto junino, com foco nos aspectos subjetivos mobilizados por tais indivíduos no fazer da manifestação quadrilheira. A linha narrativa adotada pelo

filme incluiria o diretor como participante direto, não apenas como guia da produção, mas também como personagem do documentário, já que aquela história fazia parte de suas vivências.

O documentário se organiza de modo sequencial, buscando construir um efeito de passagem do tempo, pois busca representar a produção do espetáculo junino da quadrilha ao longo dos meses, registrando os ensaios de montagem coreográfica e teatral, a confecção de figurinos, a produção de cenografia, etc. Cada uma dessas situações é mostrada *in loco* nas imagens captadas, bem como por meio de entrevistas com o coreógrafo, o diretor cênico do casamento matuto⁹, a costureira e o cenógrafo. Suas falas costuram a feitura desses processos, entremeadas por entrevistas com diferentes participantes da quadrilha junina Estrela do Luar, que com suas palavras tentam definir o que entendem por ser quadrilheiro, bem como suas sensações ao participarem da citada manifestação. O filme não usa o narrador *em off*. As falas dos entrevistados vão informando ao público a ordem das sequências e os temas que vão ser abordados. A trilha sonora é a música que toca no ambiente no momento da filmagem.

Um dos principais aspectos a serem destacados no processo de produção desse documentário se refere ao uso de alguns recursos ficcionais na constituição de seu conteúdo final. O período de preparação de uma quadrilha junina cearense para o São João não costuma durar pelo menos de seis meses. Domina no cenário junino do estado do Ceará a lógica dos festivais de quadrilhas, que consistem em concursos onde os grupos quadrilheiros competem entre si por premiações em dinheiro, que acontecem em quase todas as cidades ao longo dos meses de junho e julho de cada ano. As quadrilhas juninas da cidade de Sobral estão, há muito, envolvidas com esse formato de conceber a festa, preparando minuciosamente suas apresentações para serem exibidas às comissões julgadoras desses eventos, o que os leva a mostrar seus trabalhos não apenas em sua cidade, mas em outros municípios que promovem festivais juninos. Não era o caso da Estrela do Luar ainda, mas, como vai ser visto mais à frente, o grupo acabou entrando neste

movimento. A conquista de títulos em diferentes festivais não apenas eleva o prestígio das quadrilhas, mas, em alguns casos, também pode lhes conceder acesso a concursos de nível estadual e até nacional, o que ajuda a projetar o nome dos grupos dentro e fora do Ceará. Diante disso, a produção artística dos grupos – desde os que têm menos recursos até os que são mais estruturados – exige bastante esforço e dedicação, o que inevitavelmente repercute no tempo de preparação.

A montagem dos espetáculos juninos, como são chamados os trabalhos apresentados pelas quadrilhas atualmente, pede um grande envolvimento por parte de todas as pessoas que compõem os grupos. Um dos principais motivos para isso costuma ser os altos custos dispendidos na montagem para a confecção de indumentárias, adereços cenográficos e a contratação de profissionais de variadas áreas para a produção dos diferentes setores do espetáculo, que integra dança, música e teatro. A menos que a quadrilha junina tenha colecionado muitas vitórias no ano anterior e não tenha necessitado mexer em tais recursos para pagar dívidas do período de pré-produção – o que é praticamente impossível de ocorrer, os grupos juninos sempre começam seus trabalhos para o São João tendo que empenhar-se bastante para construir seus espetáculos. Quanto mais cedo comecem suas atividades, mais chances as quadrilhas têm de obter sucesso em suas produções.

De posse dessa informação, podemos constatar que seria muito difícil registrar em vídeo, minuciosamente todo esse processo durante os vários meses em que os quadrilheiros se preparam para o festival. As cenas iam se repetir e o material seria muito vasto, dificultando a decupagem e a montagem. Entretanto, a pesquisa já vinha sendo feita e a dinâmica das atividades já faziam parte da experiência do pesquisador, o que facilitou pensar nas cenas a serem filmadas e como seria a sequência na montagem.

A produção do documentário 'Cultura Quadrilheira' demonstra bem esse processo para quem não tem contato com a manifestação junina, porém as imagens foram captadas dentro de um período reduzido em relação ao tempo total de construção da quadrilha junina.

Ao todo, entre captação de imagens, realização de entrevistas e edição, levou-se cerca de três meses, ao passo que a quadrilha Estrela do Luar já vinha se mobilizando havia pelo menos oito meses, assim como a pesquisa já vinha sendo feita há algum tempo. Portanto, o filme acompanhou parcialmente a pesquisa de campo.

O filme lança mão de ficção, na medida em que constrói essa ideia processual de acompanhamento do cotidiano da quadrilha, o que se exprime no modo como o documentário é montado. Ele inicia, por exemplo, com o registro de uma reunião da coordenação do grupo para decidir como e se a quadrilha sairia no São João daquele ano. Essa reunião, porém, só ocorreu depois que o processo registrado para o filme já havia acabado, sendo a pauta ali discutida referente ao ano vindouro, não àquele que o filme retrata. Além desse deslocamento de uma situação que retrata aspectos do drama social vivenciado anualmente pelas quadrilhas, o documentário sobrepõe narrativas que vão costurando o caminho percorrido até o dia da apresentação da quadrilha no festival competitivo de Sobral, fazendo isso sem que os registros precisassem necessariamente ser captados durante todos os meses da preparação.

No que concerne à presença do equipamento de produção audiovisual e da equipe que acompanhou o diretor na captação das cenas, tais aparatos técnicos e humanos tiveram um impacto no movimento cotidiano da quadrilha. Além de Thiago de Castro, diretor do filme e também personagem, mais duas estudantes do curso de Ciências Sociais da UVA participavam da produção, como já informado aqui, operando a câmera e ajudavam nas entrevistas. O uso desses equipamentos no local da pesquisa, no caso específico desse filme, provocou reações complexas. Como o diretor do filme era parte do cenário vivenciado pelas pessoas, estabelecendo com elas um tipo de relação que já possuía uma forma, a chegada da câmera e de pessoas vistas como estranhas ao ambiente provocou certo estranhamento e curiosidade.

Algumas interações que, no cotidiano do grupo, se desenvolviam com muito barulho, brigas, gritos e risadas passaram a se mostrar um

pouco mais contidas no contexto montado para a produção das imagens do filme. Enquanto alguns indivíduos se mostravam mais dispostos a participar, outros demandaram um pouco de insistência, o que fez com que a equipe optasse por entrevistar as pessoas no próprio local dos ensaios da quadrilha. Isso significou abordá-las individualmente no ato de suas presenças para a captação dos registros, embora elas já tivessem sido informadas coletivamente sobre a construção do filme em momento anterior. Isso, evidentemente, representou algumas dificuldades, já que as pessoas tiveram pouco tempo de preparar suas entrevistas. Por outro lado, do ponto de vista do registro audiovisual, possibilitou a captação da performance dos personagens e os cenários no ato, o que acrescentou toques de suposto realismo que não estavam necessariamente programados, enriquecendo o recorte etnográfico captado pelo aparato audiovisual.

O filme, assim como texto, enquanto recurso etnográfico que também enuncia um texto/narrativa, produz uma alegoria (Clifford 1998) que se faz a partir de uma determinada experiência compartilhada, não representando necessariamente o factual, mas uma sinergia de agências no cotidiano da produção que se expressa por meio de uma invenção imagética que extrai do processo social a sua matéria prima. 'Cultura Quadrilheira' se faz como uma produção desse tipo, propondo um determinado modo de discursividade alegórica sobre o cotidiano de uma quadrilha junina, tendo por foco um recorte etnográfico específico. Seu resultado condensa um emaranhado de narrativas produzidas individualmente dentro de um contexto vivido de modo coletivo, costuradas a partir do olhar de quem constrói o argumento do filme, no caso o pesquisador e sua autoantropologia¹⁰ quadrilheira, com todas as potencialidades e limites dessa experiência.

Entretanto, o que interessa também para este artigo, vem depois: a exibição do filme. Vamos tratar deste tema de duas formas: primeiro vamos descrever o acontecimento, depois discutir suas implicações no que se refere à restituição.

Restituição fílmica e reações dos ‘quadrilheiros’

Conseguimos reunir uma parte das pessoas da quadrilha junina Estrela do Luar para assistir ao filme¹¹. Nos meses imediatamente subsequentes ao período junino – que, no Ceará, corresponde aos meses de junho e julho – é sempre um pouco complicado rearticular as pessoas. Como elas passam muito tempo juntas em benefício da quadrilha durante a preparação para os festejos, nota-se que nesse momento elas voltam suas atenções para outras atividades que haviam sido postas de lado por conta da quadrilha ou cuja dedicação teve que ser diminuída em virtude da rotina de ensaios, eventos e demais atividades propostas pelo grupo junino. Em geral, são necessários pelo menos três meses para que os indivíduos voltem a falar sobre São João ou comecem, aos poucos, a se preparar para ele. De posse dessa informação, sabíamos que seria difícil registrar a recepção do documentário por parte dos quadrilheiros sem que ela fosse incluída dentro de alguma atividade proposta pela própria quadrilha, e que ainda assim seria complicado esperar que todas as pessoas comparecessem, já que seus compromissos juninos naquele ano haviam se encerrado.

Aproveitamos reunião que a coordenação do grupo precisava fazer para discutir com as pessoas assuntos que as interessavam, como um balanço das experiências vivenciadas no São João que findaram e a realização da festa de encerramento do grupo daquele ano, cuja data se aproximava. Como a coordenação já imaginava, apenas um grupo mais reduzido de pessoas compareceu, mas, por sorte, parte significativa das pessoas que apareciam diretamente no documentário estavam presentes, o que nos ajudou a captar a reação. Nessa oportunidade, apenas Thiago de Castro e Fátima, uma das colaboradoras técnicas do filme, foram a campo. Fátima foi a responsável por captar as imagens, enquanto era apresentada a produção para os presentes, após a fala de Dalila, presidente do grupo.

Era bastante evidente a ansiedade das pessoas em relação ao filme, sensação que parecia se misturar com certa timidez. Alguns faziam questionamentos discretos sobre sua aparição no documentário, sobre

'como se saíram', 'se tinha ficado legal' e coisas do tipo. A presença de Fátima, que não era parte do grupo, com uma câmera na mão, contribui diretamente para esse comportamento um tanto comedido da maior parte das pessoas. Em outras situações, elas certamente estariam mais despreocupadas com a autoimagem, já que a sociabilidade dos quadrilheiros costuma ser marcada por um humor bastante expressivo, que se caracteriza pela recorrência de comentários em tom jocoso sobre os companheiros e até sobre si próprios. Essa timidez um tanto blasé, entretanto, durou apenas até o momento em que o filme começou a ser exibido, pois as pessoas rapidamente passaram a um estado inusitado de interesse e bom humor à medida em que o documentário passava diante de seus olhos.

Ocorreu durante a exibição do filme uma espécie de crise de riso pela qual as pessoas passaram enquanto o assistiam. Isso sem dúvida nos chamou bastante atenção, pois foi algo que não ocorreu em outras oportunidades em que o documentário *Cultura Quadrilheira* foi apresentado. À exceção de uma pequena parte situada mais ao final da obra, quando um dos integrantes é mostrado fazendo piadas com a aparência de uma colega enquanto a maquiava, arrancando risos da própria, não há nada no filme que tenha sido pensado com esse propósito. Ficamos surpresos ao notar como as pessoas pareciam achar engraçada a situação de se verem na tela, independente do conteúdo mostrado no decorrer do filme, que estava mais focado em apresentar os esforços empreendidos pelos indivíduos ao longo dos meses de preparação da quadrilha, um caminho na maior parte das vezes bastante árduo para eles.

Entendemos que, ao menos em parte, essa reação tinha a ver com o próprio estilo de sociabilidade dos quadrilheiros quando se reúnem, pois, qualquer coisa se torna facilmente motivo de diversão nesses encontros, ainda mais em se tratando de algo que de alguma forma os expõem de um modo que eles próprios não controlam, como é o caso de um filme. Tais indivíduos nunca tinham se visto em um filme, menos ainda em uma produção que falasse sobre eles próprios, buscando

captar do modo mais natural possível suas ações dentro daquele contexto. Tal fato resultou como surpreendentemente inusitado para eles, que puderam observar a si mesmos por um ângulo que não imaginavam ser possível, inclusive evidenciando aquilo que consideravam ‘diferente’ neles mesmos. Por outro lado, a recorrência do riso também parecia se ligar a um certo nervosismo e à ansiedade ensejada pela possibilidade de se verem na tela, já que não sabiam de que forma iriam aparecer na produção audiovisual. Isso ficava evidente porque, a despeito dessa reação incomum, as pessoas não desgrudavam os olhos da tela em nenhum momento, acompanhando cada detalhe com olhares bastante atentos, que pareciam não querer perder nenhuma imagem.

Uma situação bastante engraçada ocorreu com a rainha da quadrilha. Ela parecia estar muito envergonhada por ter sua entrevista exibida no filme. A todo momento perguntava quando ela apareceria, para que pudesse sair e só retornar depois que sua fala tivesse passado. E assim o fez. Quando sua imagem começou a ser exibida, ela se levantou e se escondeu atrás da parede do local onde a reunião acontecia. Tão logo seu momento no filme acabou, ela retomou ao seu lugar. Enquanto estava escondida, colocava, de vez em quando, a cabeça à mostra perguntando se já tinha acabado. Não era que não estivesse gostando do documentário, mas para ela era difícil se ver na tela. No dia de sua entrevista, ela estava bastante nervosa, embora tentássemos tranquilizá-la. Aquele era o primeiro ano dela ocupando uma posição de destaque na quadrilha e, por esse motivo, consideramos importante entrevistá-la. Respeitamos seu modo de expressão, demos o tempo que ela precisou e até voltamos todas as vezes que considerou necessário, mas ainda assim ela ficou um pouco insegura, postura que contrastava com sua performance dançada, onde rodopiava belissimamente enquanto atraía todas as atenções para si, momento que o vídeo também mostra. Aliás, era curioso perceber essa timidez e tensão nas faces de pessoas já tão acostumadas a mostrar sua arte a públicos tão numerosos. O recurso audiovisual, ao captar fragmentos de nossas existências, nos tira de nós mesmos por alguns momentos e

coloca nossa expressividade sob a posse de equipamentos eletrônicos, que por sua vez são manuseados por mãos e olhares diferentes do nosso. Essa sensação de 'não pertencimento a si mesmo' causada pela conversão de uma parcela de nossa experiência sócio-corpóreo-subjetiva em audiovisual pode ser desconfortante, pelo menos até que nos habituamos a ela.

A despeito desse provável desconforto e da sensação de estranhamento por ele causada, as pessoas continuam atentas aos movimentos desenhados no filme, pois pareciam se reconhecer no que viam. Elas cutucavam quem estava do lado, apontavam, cochichavam e faziam sinais com os corpos. Estes, aliás, acompanhavam o ritmo da música quando esta aparecia no documentário, fosse em pés que mexiam, cabeças que se movimentavam ou gestos que rememoravam movimentos coreográficos dançados na marcação das canções reproduzidas. A impressão que tudo isso nos dava era a de que o próprio corpo não conseguia ficar inerte diante do cenário acessado por meio do documentário. Ao final da exibição, aplausos e expressões que pareciam demonstrar satisfação não apenas com a obra, mas com o que ela demonstrava: o resultado do trabalho que construíram ao longo de muitos meses registrado em uma peça em audiovisual.

Ao finalizarmos a exibição, antes que todas e todos pudessem levantar e sair, aproveitamos para registrar seus depoimentos ali mesmo. Ainda um pouco retraídos com a câmera, falaram poucas palavras, a maioria delas aprovando o filme. Um dos quadrilheiros disse que "aquele tinha sido realmente um ano inesquecível", outro apontou como algo interessante o fato do documentário ter focado na construção do trabalho, mostrando mais que a quadrilha já pronta apresentando seu espetáculo na festa junina. A presidente do grupo disse que, para ela, era "muito gratificante" ver o resultado de todo um trabalho registrado para a posteridade e que, sem dúvida, tal registro seria mostrado a quem viesse depois. Houve até quem dissesse que "só não gostou mais, porque aparecia pouco no vídeo". No geral, a experiência de ter suas expressões registradas em um trabalho audiovisual

termina sendo absorvida pelas pessoas como uma restituição simbólica dentro da experiência de troca que é a pesquisa acompanhada da produção de documentário. Enquanto dispositivo discursivo no campo da memória, o filme teve como principal efeito a construção de um lugar afetivo que pôde ser acessado ao longo dos anos. Cultura Quadrilheira registrou um São João marcante para os participantes da quadrilha Estrela do Luar. Naquele ano, o grupo parou suas atividades cultivando muitas incertezas sobre um possível retorno futuro. Isso foi sentido como um baque para os componentes, que dois anos depois conseguiram retomar a quadrilha, mas que até hoje revivem aquele momento como uma morte simbólica que proporcionou um posterior renascimento do grupo mais revigorado, memória afetiva que o filme ajuda a cultivar.

Sobre a linguagem fílmica e a restituição

Muitas reflexões surgem desta experiência narrada. Primeiro, o filme é mostrado para o grupo em um momento de crise, como já dito. Acaba sendo um momento de reflexão e lembrança de uma atuação que tem a marca de seus corpos. Neste aspecto, vale a pena comentar que a restituição promovida tem relação não só com uma prática de responsabilidade social do pesquisador perante os seus interlocutores, ou com um compromisso ético. É isso, e mais alguma coisa. É uma mudança epistemológica também no que se refere à relação entre sujeito e objeto que ainda hoje se aprende nas discussões sobre metodologia da pesquisa científica. É entender que a relação da pesquisa é construída entre sujeitos que minimamente precisam compartilhar interesses, desejos, potências e afetos.

No caso específico deste filme, a restituição não aconteceu somente no momento da exibição para aqueles que compareceram ao evento citado para assistir. Mesmo na escolha do tema, não se pode esquecer que o pesquisador é ‘quadrilheiro’. A condição de pesquisador não fez com que ele perdesse esta identificação. Durante todo o processo de produção, as pessoas, apesar de se comportarem de forma mais reserva-

da do que a usual, o que é comum quando tem uma câmera filmando o que fazem, aceitaram tacitamente a relação e acionaram performances que entendiam ser apropriadas para a situação. A afetação causada pela equipe de filmagem, mesmo que composta por um diretor que faz parte do grupo, promove um tipo de agência em que já há uma prática e uma ética sendo construída pela relação ali sendo criada.

Portanto, não podemos mais pensar a pesquisa como uma investigação sobre um 'outro'. Esse tipo de pesquisa em que os corpos precisam trocar afetos visando a colaboração para construção de uma obra audiovisual, não é mais objetiva e imparcial. Pelo contrário, há uma reciprocidade, bem no sentido de Mauss (2003), de interesses mútuos e, acrescenta-se aqui, múltiplos afetos. Para Espinosa (2008), o afeto é um encontro entre corpos que promovem transformação mútua. São estímulos agenciados para transformar mudanças, tanto no sentimento, quanto na cognição. A consequência é uma sinergia de afetações múltiplas entre os diferentes corpos no processo de pesquisa. Não só dos corpos humanos, mas também dos elementos não humanos. A câmera, como já dito, afeta de alguma forma a relação entre as pessoas, assim como o som do ambiente, o movimento de objetos, as cores, dentre outros elementos. O próprio filme, após a exibição, promove afetações. Ele provoca reflexão, é agente.

Isso gera um aprendizado no pesquisador e nos seus interlocutores que passam a ver e analisar a relação a partir de afetos que envolvem, inclusive, aprendizados pouco previstos e acasos. Claro que, no final, o diretor e a equipe responsável pela montagem, selecionam cenas, arrumam o filme de acordo com aspectos e conceitos que pretendem mostrar. Entretanto, estes aspectos e conceitos são mutações criadas pela experiência compartilhada no processo de produção. São transfigurações resultantes de agenciamentos e misturas de afecções sobre corpos reagindo uns sobre os outros a partir de atos enunciados e práticas. Como já dito, o próprio filme promove novas afetações.

A transfiguração é sentida nos agentes, tanto na equipe de produtores, quanto 'personagens', não só no público. É percebida pelas

afetações que os corpos individuais passam em situações e relações construídas durante suas experiências no contexto de comunicação fílmica, desde o primeiro contato, passando pela produção e pós-produção. Portanto, o corpo não é só um ente instrumental de performance individual. É potência e desejo múltiplo, já que se mistura e negocia com as agências dos humanos e não humanos (equipamentos, clima, ambiente, o filme pronto, etc.).

O resultado é sempre provisório na transfiguração da obra fílmica criada. Nunca ficamos totalmente satisfeitos. O resultado é fruto da imaginação criativa que aciona códigos simbólicos de domínio do indivíduo que age no filme. É uma agência de construção de sentidos. O filme, portanto, é uma maneira de falar em perspectiva. Samain (2012) entende que a fotografia pensa, porque se comunica e nos provoca, nos fazendo pensar também. Entende-se aqui que o filme também provoca este movimento. Estes atos enunciados e performances narrativas expressos nos filmes aqui analisados, tanto o ‘Cultura quadrilheira’, quanto o registro de sua exibição para os ‘quadrilheiros’, são relacionados a territórios formados por movimentos ambíguos em tensão, que tendem a mostrar a força do corpo individual na territorialização, ao mesmo tempo que apresentam pontos de fuga que promovem a desterritorialização. As reações nervosas, as risadas e outras reações ao verem o filme, mostram a força da agência do filme. Não se tem segurança se sua performance agrada a quem assiste, o que provoca no personagem uma necessidade de ter mais atenção na obra pronta para avaliar e ver como avalia sua atuação e como os demais também avaliam.

MacDougall (2016) lembra que toda qualidade de filme é perturbadora ao corpo do espectador, o que o torna atrativo. Assistir ao filme, não é só compartilhar experiências entre personagens e quem assiste, mas é também descobrir respostas que nos permitem ir além do que entendemos que somos. Ele distende os limites da consciência e criam afinidades com outros corpos. O autor lembra de conceito de ‘colisão’ para entender a justaposição entre os copos que se chocam:

os corpos dos espectadores e os que aparecem no filme. O filme leva a plateia a balançar, rir, se surpreender, se chocar, dentre outros efeitos físicos e emocionais. No caso do filme aqui analisado, o reconhecimento dos personagens, inclusive vendo a si mesmos na imagem, é essencial a maior parte destes efeitos no corpo. Ao verem seus corpos e de pessoas que convivem diariamente, lembram de experiências anteriores. Pode também ocasionar reações idiossincráticas a determinadas imagens em função de associações muito pessoais, como foi o caso da rainha da quadrilha junina.

Neste aspecto, a reflexão aqui não reduz a cultura quadrilheira que se mostra na imagem a ações individuais, nem coletivas, ou ainda, a propósitos humanos de significâncias básicas e universais ou determinantes materiais e históricos. É um meio termo sinérgico de todos estes enfoques ou uma mistura muito pouco precisa na definição de fronteiras entre eles, mas enfatizando a forma de usar o corpo e falar individual.

Para isso, durante a produção, já se agencia uma espécie de ética, com interesses mais ou menos comuns entre a equipe de produção, que aqui, em parte, se confunde também com os personagens, e os interlocutores quadrilheiros. Cada um ganha o seu lugar, sendo o narrador de sua agência. Ele inventa a sua cultura quadrilheira, o seu tempo e o seu lugar (Wagner 2010). O filme, então, não tem a pretensão de criar uma unidade rígida no grupo. Para isso, valoriza a narrativa individual e, como imagens complementares, ações do grupo.

Portanto, já na produção, a restituição vem sendo iniciada. Isso porque a composição de uma ética e, portanto, uma estética, vem sendo moldada no processo de sua produção, com base em envolvimento emocional mútuo entre os envolvidos com a cultura quadrilheira, seja pesquisador, seja quadrilheiro, com o grupo Estrela do Luar, e com interesses de projetá-la para o mundo, a memória afetiva, dentre outros interesses mútuos. Isso é fundamental para se falar de restituição. Sem este partilhar de uma ética da pesquisa, atendendo a sentimentos, afetos e interesses mútuos, não dá para se falar deste conceito. A exibição

do filme, quando pronto, para o grupo que compareceu na reunião, só confirma este processo que vinha sendo negociado desde o começo da produção.

A discussão sobre o compartilhar experiências no trabalho de campo envolvendo o filme, ganhou certa força na chamada antropologia visual compartilhada, sempre lembrada pela influência de Robert Flaherty e Jean Rouch, como informa Rial (2016). São duas maneiras bem diferentes de restituição. Flaherty, como lembra a autora, fez *Nanook of the North*, um dos primeiros filmes classificados como documentário, com roteiro e sequência lógica que conta uma história linear. Entretanto, apesar de toda a produção e roteiro ser compartilhado com os Inuit, eles pouco ganharam com os lucros que o diretor teve com o sucesso do filme, produzido em 1922. Já Rouch, adotando o mesmo método de compartilhar produção e roteiro, também compartilha os ganhos financeiros dos filmes que fez.

Claro que não podemos reduzir a restituição somente a ganhos financeiros, sem deixar de considerar que isso é importante. Entretanto, não é o caso do filme aqui analisado. O Cultura quadrilheira não tem finalidade de ser objeto comercial para fins de ganhos financeiros. Os ganhos são outros. Como já discutido aqui, é um processo construído desde o início da produção. Não se restringe à divulgação do filme pronto aos personagens da obra. Entretanto, não podemos ser inocentes de pensar que os ganhos do diretor com o filme são os mesmos dos seus interlocutores¹². Alguns ganhos afinam-se e outros não. Os que se afinam têm relação com o fato de um dos pesquisadores pertencer ao grupo, envolvendo memórias afetivas para ambos: pesquisador e pesquisado. Mas, quem ganha os louros da produção é primeiramente o diretor e sua equipe, em segundo plano, quando o trabalho passa a compor sua produção acadêmica. Muito indiretamente, alguns quadrilheiros podem se beneficiar em função do uso do filme para divulgação de sua arte, caso queiram, já que está disponível na plataforma Youtube. Fora disso, quando o filme é lembrado no meio acadêmico onde circula, o diretor é quem ganha a fama. Isso

porque diretor e personagens frequentam arenas político-sociais diferentes, mesmo que o primeiro seja também quadrilheiro.

Esta relação entre filme e personagens, portanto, depende muito da forma como cada um o usa. Como lembra Fonseca (1995), o audiovisual tem um forte apelo e uma grande quantidade de consumidores. As redes sociais, a facilidade de acesso via celular, dentre outros aspectos, promove uma mudança no perfil do consumidor do audiovisual que passa a se confundir com o produtor das imagens também. Neste caso, tem uma dimensão da restituição que os produtores não têm o controle, já que não se sabe os usos que os quadrilheiros, ou até não quadrilheiros, fazem do filme que está com acesso público.

Um dos pioneiros neste tipo de reflexão sobre restituição e antropologia compartilhada foi Jean Rouch. Gonçalves (2008) chama atenção que em suas obras, desde o final da década de 1940 e adentrando as décadas posteriores, Rouch transforma o objeto de pesquisa em sujeito, assim como o pesquisador não é somente o observador, é também observado, criticando uma postura colonialista da antropologia. Nesta relação, o antropólogo aprende, cria personagens de si a partir da interação com outros personagens em sua obra de 'ficção' etnográfica fílmica. O que se prioriza nesta perspectiva é a 'verdade do filme', não a 'verdade no filme' como pensava a ideia de registro de evidências. Se rompe com a ideia de explicação por evidências, para a interpretação por subjetivação da experiência no filme, com rigor etnográfico. Entretanto, existem outras dimensões da restituição que valem a pena discutir. O tópico final trata disso.

Considerações finais: outras dimensões da restituição

Em 2012, no dia da reunião mencionada aqui com os quadrilheiros, a exibição do filme acabou respondendo outra dimensão da restituição. Responde a um esforço de construção de um coletivo que, com os recursos que possuem, conseguem ver no filme, atos heroicos de paixão pelo que fazem que ficarão registrados, inclusive para outras gerações de quadrilheiros. Ao menos, foi o que disseram ao comentar.

Essa sensação de unidade é importante para qualquer grupo. Não no sentido de uma unidade de iguais, necessariamente. Mas uma unidade que tenha como fundamento uma ética comum, mas que seja pautada também no respeito às diferenças internas.

Naquele ano, o grupo estava exaurido e não participou do festival do ano seguinte, como já dito. Mas, depois deste período retornaram com força e desejo de fazer melhor. A partir de 2014, mudaram a estratégia e não restringiram suas apresentações ao Festival de Sobral. Talvez o filme tenha ajudado neste sentimento, segundo o que falam hoje alguns quadrilheiros a um dos articulistas, que continuou seu trabalho de pesquisa neste grupo e ainda está integrado à ‘cultura quadrilheira’. Segundo estes depoimentos, o filme estimulou a pensar maior. Não só a obra fílmica, mas ele foi um componente importante para isso. Ajudou a provocar um sentimento de resistência perante às adversidades e superação. Resistência nos seguintes sentidos: autonomia na gestão de sua arte, dentro dos limites que encontram, expansão da subjetividade, aprendendo com as diferenças mesmo dentro dos limites do que é imposto à forma como as quadrilhas devem se apresentar e surpreender com sua arte.

Em 2014, foram cinco títulos de campeã e cinco terceiros lugares em festivais diferentes¹³. Em 2015, foi um campeonato vencido, dois vice-campeonatos e quatro terceiros lugares¹⁴. Em 2016, foram seis campeonatos, três vice-campeonatos e dois terceiros lugares¹⁵. Em 2017 foram oito campeonatos, sete vice-campeonatos e um terceiro lugar¹⁶. Em 2018, foram cinco campeonatos, oito vice-campeonatos e um terceiro lugar¹⁷.

Segundo alguns quadrilheiros, a dinâmica que a quadrilha assumiu após 2014 ficou muito extenuante. Além dos ensaios durante a semana, todo fim de semana dos meses de junho e julho tinham apresentações. Já aconteceu de a dança começar na quinta e só parar na segunda-feira. Em 2018 teve uma vez que a quadrilha dançou cinco festivais durante dois dias, em Fortaleza: três no sábado e dois no domingo, fora a viagem de ida e volta. Isso não acontecia até 2012, ano do

filme. Essa maratona de apresentações se justifica em razão da dinâmica dos circuitos competitivos propostos pela Federação de Quadrilhas Juninas do Ceará – FEQUAJUCE. Todo ano esta entidade promove o Concurso Cearense de Quadrilhas Juninas. Mas a quantidade de vagas é limitada por região, e só aqueles grupos que pontuaram melhor se classificam para esse concurso, o que toda quadrilha quer, pois é um 'coroamento' do sucesso da temporada. Há uma quantidade específica de festivais federados exigida pela federação aos grupos. Só se classifica quem tiver esse número de apresentações e as maiores somas de notas. A dinâmica é exaustiva e bastante competitiva.

Para acompanhar uma dinâmica como esta, é preciso que os quadrilheiros se profissionalizem e tenham a atividade como exclusiva. O que não era possível para muitos dos integrantes da Estrela do Luar. Aos poucos, até pela grande rotatividade de pessoas no grupo de dançarinos e da própria coordenação, bem como pela mudança radical do perfil da quadrilha – que se tornou muito mais competitiva, com exigências de profissionalização, praticamente não restou mais espaço para momentos como aquele em que se reuniam para debater coisas e assistir algo, inclusive o filme feito sobre o grupo. Mas, de vez em quando, uma ou outra pessoa que participava na época traz o filme à tona.

Neste aspecto, se o filme fosse feito no momento atual, provavelmente os mesmos dilemas estariam presentes, porém, em proporções diferentes, pois os interesses mudaram um pouco. Cultura Quadrilheira, assim como todo filme, trata de afetos de uma época e espaço social situado. Uma época com menor cobrança de sucesso nas competições e com menor pressão. Hoje os objetivos não são mais apenas montar a quadrilha para dançar o festival de Sobral, mas disputar o título simbólico de 'melhor da região' e também vagas em competições de nível estadual, caminhando para interesses até maiores. Essa pressão pela maior profissionalização, leva o quadrilheiro a uma filosofia da competição constante, que não entende a conquista sempre como provisória, se habituando com a divisão dos integrantes do grupo por

áreas de competência. A tendência desta filosofia é valorizar a consistência no sucesso, o que exige muito mais presença e disponibilidade do grupo. A diversão passa a ter um menor interesse e a eficácia passa a ser o foco. O que importa mais é o resultado.

Essa lógica cansa um grupo que tem indivíduos que não podem se dedicar o tempo todo a esta dinâmica, já que possuem outras profissões, obrigações familiares, dentre outros aspectos. Por este motivo, em 2019, pararam, com a perspectiva de retorno em 2020. Entretanto, a pandemia provocada pela COVID-19, não permitiu mais o retorno. Resta ao grupo aguardar, levando o filme Cultura quadrilheira como parte de sua história, criando novos e constantes afetos.

Nota:

¹ Em 2020, o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME, em parceria com a editora SertãoCult, criou as webconferências com o título ‘Trajetórias pessoas na antropologia visual no Brasil’ que vai gerar três volumes de ebooks. São entrevistas com pesquisadores renomados no campo da antropologia visual brasileira, totalizando 36 profissionais experientes do campo. Até o momento temos 24 entrevistas e todas elas falam da questão da restituição. As entrevistas podem ser vistas de forma integral na página do Youtube do LABOME: <https://www.youtube.com/c/LabomeVisualidades/playlists>.

² A entrevista pode ser vista pelo link: https://www.instagram.com/tv/CHOMir1lTCQ/?utm_source=ig_web_copy_link.

³ Em 2021 o referido aluno, também autor deste artigo, está vinculado ao doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

⁴ O aluno fazia parte do projeto guarda-chuva mais amplo usado para captação de recursos em diferentes editais de fomento para captar recursos para o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas – LABOME. Era bolsista do projeto ‘O Bairro como Marco de Distinção Espacial: Astúcias da Memória’, financiado pelo programa PIBIC/CNPQ da cota institucional da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A proposta do documentário teve apoio também do edital Edital 04/2011 – Programa de Apoio à Pesquisa (PAP) do Instituto de Apoio ao Desenvolvimento da Univ. Estadual Vale do Acaraú.

⁵ Em Freitas (2000), discussão atualizada em outro artigo (Freitas 2021), se registrou em jornais de circulação estadual no Ceará, algumas referências a este termo, em artigos que falavam do patrimônio edificado da cidade. Entendemos que o termo nomeia, na visão dos jornalistas que o usavam, um sobralense genérico que identifica o morador da cidade de forma mais unitária, criando uma abstração conjectural das

características sociais e culturais próprias deste morador. Freitas (2013), aponta os limites da discussão sobre identidade cultural, tema que vai tangenciar o artigo mais a frente.

⁶ O referido trabalho de conclusão de curso teve como título 'A força da arte junina: uma análise acerca dos grupos de quadrilha em Sobral/CE', orientado pela professora doutora Isaurora Cláudia Martins de Freitas. A preocupação sobre o tema, acompanhou Thiago de Castro também no Mestrado em Antropologia Social finalizado em 2018 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. A dissertação foi orientada pela professora doutora Rita de Cássia Maria Neves. No doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará deu continuidade à pesquisa sobre este tema.

⁷ O filme pode ser visto a partir do link: <https://vimeo.com/81661391>.

⁸ O referido curso faz parte de programa de extensão que consiste em oferta de formações de cerca de 90 horas, e evento nacional para divulgação dos trabalhos realizadas nas linguagens das artes visuais, especialmente o documentário, a fotografia, o desenho, a pintura e as instalações artísticas. O evento recebe trabalhos de todo país e do exterior e circula em escolas públicas de ensino básico, equipamentos de assistência social, ONGs e ruas de bairros periféricos de várias cidades próximas de Sobral. No curso, o aluno compôs a equipe de produção composta por Fátima Regina Portela Menezes e Maria Lúcia Inês. O filme foi exibido pela primeira vez no IV Visualidades. O portfólio do evento pode ser acessado no site: <https://labomevisualidades.wixsite.com/visualidades/inicio>.

⁹ Encenação teatral curta, onde se desenvolve um enredo ancorado em uma temática previamente escolhida pela quadrilha, que culmina com um casamento.

¹⁰ Faz-se referência aqui ao sentido empregado por Strathern (2017) a esse termo: a experiência de uma pesquisa de caráter antropológico feita 'em casa', este 'em casa' significando um pertencimento étnico, cultural ou social ao grupo ou sociedade que se investiga.

¹¹ O vídeo pode ser visto no link: <https://www.youtube.com/watch?v=fzIRcgB3sLo>.

¹² Sobre esta questão dos limites da restituição, Cf. Freitas, 2017. No artigo, o autor também lembra que: "Em conferência Mme. Françoise Zonabend, realizada em janeiro de 2014, na Maison des Sciences de l'Homme da Université de Bourgogne (Dijon, França), durante o colóquio internacional Etnografias Plurais IV: Restituição e Difusão de Dados de Pesquisa, organizado pela Société d'Ethnologie Français (<https://vimeo.com/114780326>), a etnóloga chama atenção dos problemas da restituição no mesmo sentido de Rial (2016). No texto de Vale (2014), a restituição também é problematizada em sentido semelhante (Freitas 2017:395).

¹³ Em 2014 foram os seguintes títulos: Festival de Quadrilhas de Cariré - Campeã; Circuito de Quadrilhas SESC ATIVO - Etapa região Norte (Itapajé) - Campeã (<http://blogdomardem.blogspot.com/2014/06/itapaje-sesc-e-prefeitura-promovem.html>); Festival de Quadrilhas de Camocim- Campeã (<http://www.politicaemevidencia.com.br/2014/07/quadrilha-junina-estrela-do-luar-de.html?m=1>); Festival de Quadrilhas de Forquilha - Campeã; Festival de Quadrilhas de Coreau - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Sobral - Terceiro Lugar; Etapa Ceará Junino Vale do Acaraú (Santana do Acaraú) - Terceiro Lugar; Festival de

Quadrilhas de Santa Quitéria - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Itatira - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Uruoca - Terceiro Lugar.

¹⁴ Em 2015, foram os seguintes títulos: Festival de Quadrilhas de Granja - Campeã; Festival de Quadrilhas de Cariré - Vice-campeã; Festival de quadrilhas de Sobral - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Jijoca - Terceiro Lugar; Arraiá da Cumade Chica (Fortaleza) - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Camocim - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Alcântaras - Terceiro Lugar.

¹⁵ Em 2016, foram os seguintes títulos: Festival Botando Quente (Jordão/Sobral) - Campeã; Festival de Quadrilhas de Cariré - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Groaíras - Campeã (<https://sobralagora.com.br/2016/07/groairas-festa-estrela-do-luar-foi-o-grande-vencedor-do-festival-regional-groairas-junino-2016/>); Festival de quadrilhas de Jaibaras - Campeã; Circuito de Quadrilhas SESC ATIVO - Etapa região Norte (Irauçuba) - Campeã; Final do Circuito SESC ATIVO (Jaguaribe) - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Itatira - Campeã; Festival de Quadrilhas de Santana do Acaraú - Campeã; Festival de Quadrilhas de Camocim - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Sobral - Vice-campeã; Etapa Ceará Junino Vale do Acaraú (Sobral) - Terceiro Lugar.

¹⁶ Em 2017, foram os seguintes títulos: - Festival de Quadrilhas de Hidrolândia - Campeã; Festival de Quadrilhas de Nova Russas - Campeã; Tamarino Junino (Sobral) - Campeã; Festival de Quadrilhas de Tianguá - Campeã; Circuito de Quadrilhas SESC ATIVO - Etapa região Norte (Itapajé) - Campeã (<http://www.adrianofurtado.com.br/2017/07/itapaje-sesc-e-prefeitura-realizam.html>); Final do Circuito SESC ATIVO (Jaguaribe) - Campeã(<https://www.sesc-ce.com.br/noticias/cultura-nordestina-e-tradicao-nas-quadrilhas-cearenses-em-destaque-no-circuito-de-quadrilhas-juninas-sesc-ativo/>); Etapa Ceará Junino Vale do Acaraú (Meruoca) - Campeã (<https://www.meruoca.ce.gov.br/informa.php?id=299>); Festival de Quadrilhas de Granja - Campeã; Festival de quadrilhas de Sobral (etapa municipal) - Vice-campeã; Festival de quadrilhas de Sobral (etapa regional) - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Martinópolis - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Uruoca - Vice-campeã; Jangadeiro Junino - Etapa Seletiva para o Concurso 'Nordestão' (Caucaia) - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Alcântaras - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Forquilha - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de São Benedito - Vice Campeã.

¹⁷ Em 2018, foram os seguintes títulos: Festival de Quadrilhas de Reriutaba - Campeã; Festival de Quadrilhas de Uruoca - Campeã; Shopping Via Sul - Sapiranga Junino (Fortaleza) - Campeã; Circuito de Quadrilhas SESC ATIVO - Etapa região Norte (Itapajé) - Campeã; Festival de Quadrilhas de Alcântaras - Campeã (<https://portaljovensac.blogspot.com/2018/07/estrela-do-luar-vence-fqa-2018.html>); Arraiá da Cumade Chuvinha (Fortaleza) - Vice-campeã; Festival Botando Quente (Jordão/Sobral) - Vice-campeã; Etapa Ceará Junino Vale do Acaraú (Cariré) - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Jijoca - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Martinópolis - Vice-campeã; Festival de Quadrilhas de Granja - Vice-campeã; Festival de quadrilhas de Sobral (etapa municipal) - Vice-campeã; Festival de quadrilhas de Sobral (etapa regional) - Terceiro Lugar; Festival de Quadrilhas de Forquilha - Vice-campeã.

Referências:

- CLIFFORD, J. 1998. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- ESPINOSA, B. 2008. Ética. Belo Horizonte: Autêntica.
- FONSECA, C. 1995. "A noética do vídeo etnográfico". Horizontes Antropológicos, 1(2):187-206.
- FREITAS, N. A. 2000. Sobral, opulência e tradição. Sobral: Edições UVA.
- FREITAS, N. A. 2013. "É possível pensar em identidade cultural?". Embornal: revista eletrônica da ANPUH-CE, III:1-16.
- FREITAS, N. A. 2017. "Visualidades: restituição e inserção social". Revista Iluminuras, 18:381-412.
- FREITAS, N. A. 2021. "Centro-monumento e a patrimonialização de Sobral, Ceará, Brasil". PatryTer, 4:120-136.
- GONÇALVES, M. A. 2008. O real imaginado: etnografia, cinema e surrealismo em Jean Rouch. Rio de Janeiro: Topbooks.
- GONÇALVES, M. A. & HEAD, S. 2009. "Confabulações da Alteridade: imagens dos outros (e) de si mesmos". In GONÇALVES, M. A. & HEAD, S. (eds.): Devires Imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens, p. 127-149. Rio de Janeiro: 7letras.
- MACDOUGALL, D. 2016. "O corpo no cinema". In BARBOSA, A. et al (eds.): A experiência da imagem na etnografia, p. 127-149. São Paulo: Terceiro Nome.
- MAUSS, M. 2003. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify.
- RIAL, C. 2016. "Roubar a alma – ou as dificuldades da restituição". In VAILATI, A., GODIO, M. & RIAL, C. (eds.): Antropologia Audiovisual na Prática, p. 131-146. Florianópolis: Desterro/ Cultura e Barbárie.
- SAMAIN, E. 2012. Como pensam as imagens. Campinas: Editora UNICAMP.
- STRATHERN, M. 2017. O efeito etnográfico e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.
- VALE, A. 2014. "Por uma estética da restituição: notas sobre o uso do vídeo na pesquisa antropológica". Tessituras, 2(2):162-200.
- WAGNER, Roy. 2010. A invenção da cultura. São Paulo: COSACNAIFY.

'Cultura Quadrilheira': research, film and restitution

Abstract: The article discusses a specific case of restitution of research activity that culminates in the production of the film 'Cultura quadrilheira' that had exclusive exhibition for the characters of the film, after its completion. The film was produced in 2012, as a result of research that generated a

scientific initiation scholarship and a Final Course Assignment for one of the writers, who is also part of the group studied. The exhibition to the 'quadrilheiros' was made soon after the completion of the work and filmed by the team. Years after the production of the film and its exhibition, the researchers discuss the implications of this activity in the dynamics of the quadrilha Junina group Estrela do Luar, which involves residents of the Dom Expedito neighborhood in the city of Sobral, in the Brazilian state of Ceará. The discussion involves the shared form of audiovisual production and how the 'quadrilheiros' receive and use the film until current times, pointing out limits and possibilities of restitution.

Keywords: Restitution, Quadrilheira culture, Shared audiovisual, Film ethnography.

Recebido em setembro de 2022.

Aprovado em dezembro de 2022.